

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE DESPORTOS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MARIANA GODINHO MACHADO

MOTIVOS QUE DETERMINAM A PRÁTICA DO PARAPENTE

NA GRANDE FLORIANÓPOLIS/SC

FLORIANÓPOLIS – SC

2011

MARIANA GODINHO MACHADO

MOTIVOS QUE DETERMINAM A PRÁTICA DO PARAPENTE

NA GRANDE FLORIANÓPOLIS/SC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Educação Física como requisito parcial para obtenção de título de graduação no Bacharelado em Educação Física. Departamento de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. John Peter Nasser
Co-orientador: Prof. Ms. Mario Luiz Couto Barroso

FLORIANÓPOLIS, 2011.

MARIANA GODINHO MACHADO

MOTIVOS QUE DETERMINAM A PRÁTICA DO PARAPENTE

NA GRANDE FLORIANÓPOLIS/SC

Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em
Educação Física pela Universidade
Federal de Santa Catarina.

Banca examinadora:

Prof. Dr. John Peter Nasser

Orientador - CDS / UFSC

Prof. Ms. Mario Luiz Couto Barroso

Co-orientador - CDS / UFSC

Prof. Dr. Emílio Takase

Membro - CFH / UFSC

Prof^a. Dra. Cíntia De La Rocha Freitas

Membro – CDS / UFSC

Prof^a. Márcia de Almeida

Membro – Parapente Sul

FLORIANÓPOLIS, 2011.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer:

- A toda a minha família por todo o apoio que sempre me deram, mas em especial ao meu pai que sempre será um grande exemplo em minha vida;
- Ao meu namorado Diego por me ajudar, me apoiar e me dar sempre muito amor e carinho;
- Aos meus queridos sogros Maria e Valdir, por serem sempre tão amoroso comigo e me tratarem como uma filha;
- Aos meus orientadores: professores Peter e Mário, sem eles este trabalho não seria o mesmo;
- Aos membros da minha banca por terem aceitado avaliar meu trabalho, e tenho certeza que terão contribuições muito valiosas a fazer;
- A todos os professores com quem tive aula, por tudo o que eles me ensinaram;
- Ao senhor Benedito que trabalha junto à Chefia do Departamento de Educação Física, pois sempre me ajudou com as questões burocráticas em que tive problemas;
- Em fim, a todas as pessoas fizeram e fazem parte da minha vida.
A todos vocês o meu MUITO OBRIGADA!!!

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar os motivos que determinam a prática do parapente na Grande Florianópolis. Para a determinação dos motivos, foi aplicada a Escala de Motivos para a Prática Esportiva (EMPE) em 20 praticantes da modalidade pertencentes à região da Grande Florianópolis, 19 homens e uma mulher. Os resultados mostraram que a ordem dos fatores que mais motivaram os indivíduos foi: aperfeiçoamento técnico, saúde, liberação de energia, afiliação, contexto, condicionamento físico e status. Acredita-se que o fator mais valorizado foi o aperfeiçoamento técnico em função de a atividade possuir um risco inerente e, desta forma, a técnica se torna uma questão de sobrevivência. Um dado importante encontrado foi a ordem dos motivos apresentado pela única mulher do estudo, que foi a mesma apresentada pelos demais participantes. Com os resultados obtidos, pode-se concluir que os pilotos de parapente demonstraram prevalência nos níveis de motivação intrínseca, o que é comum entre praticantes de atividades de aventura que visam muito mais o prazer e satisfação, sem intenções de receber recompensas externas. Sugere-se a ampliação da amostra pesquisada para possibilitar novos estudos estatísticos, bem como a aplicação da EMPE junto a diferentes faixas etárias e atletas de nível competitivo. Além disso, seriam interessantes estudos com a mesma categoria de sujeitos em outras regiões de Santa Catarina e até mesmo em outros estados do Brasil.

Palavras – chave: Motivação, Motivos de Prática, Esportes de Aventura, Parapente.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Informações sociodemográficas dos participantes	29
Tabela 2 – Questões relacionadas ao parapente	30
Tabela 3 – Médias pessoais e gerais de cada fator obtido na EMPE.	31
Tabela 4 – Comparação entre faixas etárias Adulto Jovem e Meia Idade.	34
Tabela 5 – Comparação níveis socioeconômicos: até 10 S.M. e mais que 10 S.M..	35

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	44
ANEXO B – QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO / PARAPENTE.....	45
ANEXO C – PROTOCOLO DE UTILIZAÇÃO DA EMPE	48
ANEXO D– ESCALA DE MOTIVOS PARA PRÁTICA ESPORTIVA (EMPE). 	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. O PROBLEMA	9
1.2. JUSTIFICATIVA	11
1.3.1 Objetivo Geral	11
1.3.2 Objetivos Específicos	11
2. REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1. AS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA	12
2.2. O HOMEM E A VONTADE DE VOAR	13
2.2.1 O Parapente	15
2.3. A PSICOLOGIA DO ESPORTE	16
2.4. MOTIVAÇÃO	17
2.4.1 A Motivação Nas Atividades Físicas.....	18
2.5. MOTIVOS.....	20
2.5.1 Os Motivos Nas Atividades Físicas.....	21
2.6. ESTUDOS SOBRE MOTIVAÇÃO NAS ATIVIDADES FÍSICAS	23
3. MATERIAL E MÉTODOS	27
3.1. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	27
3.2. PARTICIPANTES	27
3.3. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	27
3.4. PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	28
3.5. ANÁLISE DOS DADOS	28
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37

1. INTRODUÇÃO

1.1. O PROBLEMA

Analisando nossa história, podemos perceber que entre as muitas transformações que acompanham o homem, o progresso tecnológico representou um afastamento humano do meio natural e uma diminuição da necessidade de movimentos amplos nas atividades do cotidiano. No contexto da modernidade, com o afastamento do homem e de suas relações com os ambientes naturais, as cidades cresceram, limitando os espaços de liberdade. Por outro lado, as atividades físicas e desportos, enquanto fenômenos sociais assumem a cada dia maior importância na forma de vida do homem. Com isso, temos que todas estas mudanças sociais advindas de todos os campos das relações humanas: globalização, tecnologia, meio ambiente, comportamento, entre outras, se refletem na Educação Física tanto quanto em outras áreas. Atualmente, um aspecto que tem chamado a atenção são as atividades de risco praticadas como lazer, esporte ou educação em que o movimento é o elemento central dessa cultura (BETRÁN, BETRÁN, 1995; BRUHNS, 1997; ZIMMERMANN, 2006).

Os motivos que levam os indivíduos a iniciarem e a permanecerem praticando atividades físicas variam de acordo com o indivíduo e a atividade praticada. Dentre estes motivos podemos destacar: estética, diversão, condicionamento físico, bem estar pessoal, relacionamento social, rendimento esportivo, dentre outros (TAMAYO et al., 2001). Com o objetivo de ter melhor compreensão dos fatores que influenciam a manutenção da prática de atividades físicas, os pesquisadores em Psicologia do Esporte dividiram-nos em pessoais e ambientais. Os fatores pessoais englobam as variáveis demográficas, cognitivas, de personalidade e experiência anterior na atividade. Entre os ambientais encontra-se o ambiente social, físico e as características da atividade física (ALVES 2004; BARROSO, 2007).

A busca por uma válvula de escape do estresse, causado pelo atual estilo de vida, tem se tornado cada vez mais necessária por um número expressivo de pessoas, desta forma, a prática de Atividades Físicas de Aventura na Natureza vem crescendo cada vez mais na sociedade atual (COSTA, 2000).

Estas práticas estão rotuladas sob diversos entendimentos, como por exemplo: Esportes de Aventura, Esportes Radicais, Esportes na Natureza, entre outros. Betrán e

Betrán (1995, p.11) sugerem a denominação Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN), como *"aquelas atividades físicas de tempo livre, que buscam uma aventura imaginária, sentindo emoções e sensações hedonistas fundamentalmente individuais e em relação com um ambiente ecológico ou natural"*. Entretanto, para Spink et al. (2003) deve haver uma diferenciação entre a aventura turística e a aventura esportiva, já que para estes autores, a aventura turística restringe-se a uma prática mais fictícia que real, quando o praticante experimenta esporadicamente essas atividades em suas férias. Todavia, a aventura esportiva trata-se de praticar por conta própria, o treinamento torna-se imprescindível porque não se trata apenas de adquirir habilidades motoras, mas, sobretudo, ampliar a capacidade de gerenciamento dos riscos pertinentes à prática.

A popularização dessas atividades tem estimulado estudos relativamente recentes (cerca de 20 anos), que buscam entender os vários aspectos relacionados a este fenômeno que, para muitos, está diretamente associado ao afastamento do homem do meio natural em função do processo de industrialização (BETRÁN, BETRÁN, 1995; BRUHNS, 1997; ZIMMERMANN, 2006). Dentre os esportes na natureza, podemos destacar o cross-country, corrida de orientação, surfe, mergulho, pesca esportiva, asa delta e o voo livre, uma modalidade relativamente recente, já que teve seu início na década de 70 (ABVL, 2010; ZIMMERMANN, 2006).

A vontade de voar parece ser inerente ao homem, haja visto que ao longo de nossa história temos muitos exemplos na sociedade e na cultura que expressam a vontade de realizar esse sonho: Ícaro, da mitologia grega, Leonardo da Vinci, os irmãos americanos Wilbur e Orville Wright e ainda o brasileiro Alberto Santos Dumont (BARROS, 2006). Desta forma, torna-se importante estudar os motivos que levam o homem a ter esta ambição.

Para se compreender os fenômenos psicológicos ligados tanto às atividades físicas quanto ao esporte, é necessário que se busque ferramentas dentro da psicologia do esporte, já que esta tem, entre outras funções, a de estudar a motivação. Percebe-se que existe uma grande quantidade de estudos sobre motivação, um dos fenômenos mais estudados na Psicologia do Esporte, abordando modalidades como natação, basquete, vôlei, dança, entre outros (MALAVASI, BOTH, 2005). Porém, nota-se uma pequena quantidade de estudos com motivação e esportes de aventura, tais como surfe, rapel,

escalada e o parapente. Face ao exposto, o presente estudo tem como questão norteadora: Quais são os motivos que determinam a prática do parapente na Grande Florianópolis?

1.2. JUSTIFICATIVA

Por ser praticante da modalidade em questão, a autora tem curiosidade pessoal acerca do tema abordado. Além disso, o fato de ter amigos que praticam parapente, e isso facilitar o acesso às informações e coleta de dados, motivou ainda mais a escolha pelo tema.

Este trabalho justifica-se pelo notável espaço que as atividades de aventura na natureza vêm conquistando dentro da sociedade atual. Assim, tornam-se necessários estudos específicos, em relação aos motivos pelos quais se opta por estas modalidades, consideradas novas e, portanto, com estudos ainda escassos.

Este trabalho também poderá trazer informações valiosas tanto para profissionais da Educação Física quanto para proprietários de empresas que oferecem aulas ou vôos de parapente, pois poderão verificar e compreender o que seus clientes / alunos desejam e desta forma atender às expectativas.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Investigar os motivos que determinam a prática do parapente na Grande Florianópolis.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Verificar os motivos que determinam a prática do parapente;
- Comparar os motivos dos praticantes conforme a faixa etária;
- Comparar os motivos dos praticantes conforme o nível socioeconômico;
- Comparar os motivos dos praticantes de parapente com os de atletas de outras modalidades.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. AS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA

A busca pela aventura, pelo desconhecido, longe dos padrões urbanos, tem se mostrado mais frequente ultimamente, quando se percebe o aumento de vivências naturais, presente nas atividades físicas de aventura em contato direto com o meio ambiente natural (TAHARA, SCHWARTZ, 2003). As relações mantidas entre homem e natureza já vêm sendo discutidas há algum tempo. Estes estudos procuram levar em conta a importância de reflexões sobre esta interação humana com o meio ambiente, apontando o compromisso com mudanças de atitudes e valores, que possam interferir positivamente nessa relação (BRUHNS, 1997).

No meio acadêmico, tanto na área do Turismo (turismo alternativo ou ecoturismo) como na Educação Física, estas manifestações já estão consolidadas como objeto de estudo, sob diferentes perspectivas, abordando os mais variados temas (ZIMMERMANN, 2006). Alguns pesquisadores, por exemplo, destacam a dimensão imaginária (FEIXA, 1995). Outros abordam a perspectiva do desenvolvimento sustentável (COSTA, 1997); o desejo de reconciliação com a natureza (BRUHNS, 1997); trata-se também sob a ótica de uma sociedade pós-industrial (BETRÁN; BETRÁN, 1995), questionam-se as emoções e a participação feminina (LACRUZ; PERICH, 2000; SILVA; MARINHO; SCHWARTZ, 2005) entre outros.

Miranda et al (1995) buscam estabelecer características comuns às muitas definições apresentadas: não estão sujeitas a uma regulamentação fixa e horários; sua forma de prática, intensidade, modo e ritmo podem variar a gosto do usuário; são originais, criativas e modificáveis; substituem o tradicional paradigma de esforço pelo paradigma de equilíbrio; têm em grande estima a busca do prazer sensomotor e o componente de aventura é essencial. O risco está sendo substituído pela noção de sensação. Destaca-se, ainda, como característica, a utilização de condutas motoras aproveitando as energias livres da natureza - energia eólica, dos mares e força da gravidade.

As atividades de aventura, com a roupagem atual, são estudadas como manifestações recentes, com pouco mais de 20 anos, já representadas pelo bom número

de adeptos. Contudo, grande parte destas atividades surgiu de adaptações de antigas formas de movimento e interação com o meio, como, por exemplo, a cavalgada, a caminhada em trilhas, o surfe, o mergulho, a escalada, a canoagem, o mountain bike, o sandboard. Outras, como o parapente, se tornaram possíveis graças ao desenvolvimento tecnológico que permitiu a elaboração de equipamentos adequados. Salvo nestes casos, em que a atividade só existe devido a algum aparato altamente sofisticado, estas manifestações têm o mesmo envolvimento com a tecnologia que qualquer outra atividade humana neste começo de milênio. Ou seja, o envolvimento com os mesmos é mediado pelo praticante: é ele quem adapta a atividade que realiza aos seus interesses e equipamentos disponíveis (ZIMMERMANN, 2006).

2.2. O HOMEM E A VONTADE DE VOAR

O vôo livre, assim como muitas modalidades, não tem uma origem certa, pois não foi exatamente inventando. Na verdade, desde seus primórdios ele deriva da aviação, de várias outras aeronaves (SEMENOFF, 1998). A idéia de voar como pássaros é recordada através da história, como indicador sempre presente da decisão do homem em imitar este natural símbolo de liberdade. Podemos desta forma fazer um apanhado histórico que terá seu início na mitologia grega com a história de Ícaro e seu pai Dédalo, que construiu um par de asas para fugir da prisão no labirinto do Minotauro (AMBROSINI, 2007).

Os desenhos de Leonardo da Vinci, obras fantásticas para a época, feitos no início do século XVI, encontraram vida na pele dos irmãos Montgolfier, que, em 21 de novembro de 1783, voaram oito minutos por um balão criado por eles. Depois disso, muitas outras tentativas de voar foram realizadas, em muitos casos, malsucedidas, até que no final do século XIX, Otto Lilienthal, constrói um objeto muito semelhante a atual asa-delta, sendo portanto o “inventor” do vôo livre. Otto fez mais de dois mil vôos e em 1889 publicou o livro intitulado “O Vôo dos Pássaros Como Base da Arte do Vôo” (BATISTA, 2011).

As experiências continuam pelo início do século XX com os irmãos Wright, que se baseiam nas pesquisas de Lilienthal e de Santos Dumont, com seus balões e aviões que finalmente conquistam os ares. O avião, obra de Alberto Santos Dumont, mas

questionada pelos irmãos Wright que alegam ter realizado o vôo antes do brasileiro, acaba por se transformar em uma poderosa máquina de guerra (BARROS, 2004).

Avançando pela história, chegamos até a primeira guerra mundial e a invenção dos primeiros pára-quadras que dava uma nova dimensão às atuais estratégias bélicas. Entretanto, foi nos anos cinquenta que o engenheiro da NASA Francis Rogallo foi encarregado de um projeto de pára-quadras mais eficiente para a reentrada das cápsulas espaciais na atmosfera terrestre, sendo que em 1960 Rogallo cria uma asa confeccionada em tecido inflável. Este era nada mais do que um pára-quadras capaz de planar que foi chamado de “paraglider”. O projeto não funcionou com as cápsulas espaciais, porém este mesmo projeto acabou dando origem às asas delta atuais que se proliferam nos Estados Unidos (CROUCH, 2003).

Envolvido com o projeto Apollo, o engenheiro em aerodinâmica David Barish, constrói em 1965 uma espécie de vela e com ela decola do monte Hunter nos Estados Unidos a fim de fazer os devidos ajustes no equipamento. Após o vôo, o engenheiro batizou a nova atividade de “slope soaring” (voo de montanha). Contudo, o parapente de Barish era bem diferente dos que conhecemos hoje. Foi então que após algumas pesquisas, o escandinavo Domina Jalbert adaptou o pára-quadras redondo para um novo modelo, desta vez, quadrado, sendo que, neste formato, o piloto teria maior precisão no momento do pouso (AMBROSINI, 2007).

Entretanto, foi no dia vinte e sete de junho de 1978, em Mieussy, sul da França, que dois pára-quadristas resolveram decolar de uma pequena colina. Eles são Jean-Claude Bétemps e André Bohn. No dia seguinte, convidaram outro pára-quadrista chamado Gérard Bosson e os três passam a praticar a atividade constantemente. Aos poucos a modalidade vai se tornando cada vez mais popular. Em 1978, são quinze pilotos, cinquenta em 1979 e quinhentos em 1982. Foi a partir de então que se passou a utilizar o nome parapente (AMBROSINI, 2007; BATISTA, 2011).

2.2.1 O Parapente

Esta modalidade do vôo livre passou a ser desenvolvida e reconhecida a partir da década de 80 quando os antigos pára-quedas foram adaptados de forma que o piloto pudesse ter maior controle da vela. Com isso, o aperfeiçoamento dos equipamentos passou a proporcionar performances capazes de satisfazer quem pretendia mais do que descer montanhas, mas realmente voar. O nome parapente vem do francês e significa pára-quedas de encosta (SEMENOFF,1998).

O parapente é uma máquina de voar que consiste em uma espécie de vela, semelhante a um pára-quedas, mas que na verdade é uma grande asa capaz de planar devido a sua forma aerodinâmica. Com um parapente, é possível decolar de uma montanha e ganhar altura fazendo bom uso das correntes ascendentes dinâmicas e das térmicas. O equipamento completo pesa cerca de vinte quilogramas (MEIER, 1981).

No momento da decolagem, o parapente é aberto na rampa, o piloto conectado em sua selete (cadeirinha que aloja o piloto) corre inflando o equipamento que rapidamente se posiciona sobre sua cabeça, é então que o piloto verifica se tudo está em ordem e finalmente realiza a decolagem. Por ser uma modalidade do vôo livre, o parapente não possui motor, neste caso, o vôo depende exclusivamente da destreza e experiência do piloto (AMBROSINI, 2007).

O equipamento básico é composto por quatro itens, sendo eles: velame (composto por vela, linha e tirantes), selete, pára-quedas de emergência e capacete. Recomenda-se que o piloto esteja protegido com luvas e botas, pois pode realizar o pouso em local campestre, bem como que utilize capacete com proteção integral e selete com proteção para a coluna. Além dos equipamentos básicos existem os equipamentos opcionais como, por exemplo: macacão, bússola, rádio de comunicação, GPS e Variômetro (Instrumento que indica a altitude do vôo assim como a variação positiva ou negativa de deslocamento vertical). Para poder decolar é importante que o piloto tenha noções de meteorologia aplicada ao vôo, aerodinâmica e técnicas de vôo (SEMENOFF, 1998; MEIER, 1981).

A atual tecnologia e o desenho das asas modernas proporcionam ao piloto o prazer de voar com segurança. Estas são suportadas pela forma aerodinâmica, que ao passar através do ar provoca uma diferença de pressão entre a camada de ar que corre

pela superfície inferior, gerando, assim, a sustentação. Mesmo planando, a asa tende a pousar perdendo altura. Para se manter voando é necessário que existam camadas de ar ascendentes, que elevem a asa e a mantenham voando, sendo pelas forças do vento ou das térmicas (AMBROSINI, 2007).

No Brasil, não se sabe exatamente quem introduziu o parapente, entretanto Luiz Cláudio Araújo de Mattos tornou-se o primeiro voador brasileiro, utilizando o sítio da Pedra Bonita, em São Conrado, como ponto de decolagem. Desde os primeiros vôos, em 1974, o Rio de Janeiro exerceu completa liderança na explosão deste esporte no Brasil. A criação da Associação Brasileira de Vôo Livre, em 1976, organizou a sistematização de treinamento e normas de segurança, além de projetar pilotos brasileiros, com sucesso, em competições internacionais. Hoje, a associação Brasileira de Vôo Livre - ABVL- é composta por 11 associações estaduais que contam com mais de 2.000 praticantes do esporte em todo o país. Junto ao Departamento de Aviação Civil - DAC - mantém a responsabilidade pela regulamentação e coordenação do esporte em nível nacional (NEVES, 2011).

Dentro das classificações propostas por Pereira (2008), no rol dos Esportes Radicais, o vôo livre é apresentado como um esporte de aventura, já que segundo o mesmo autor, nesta modalidade predomina o sentimento de buscar algo que não é tangível num primeiro momento, que é muito comum aos praticantes de modalidades na natureza, principalmente aquelas onde a distância, o clima, o esforço físico, a privação e a incerteza estão presentes.

2.3. A PSICOLOGIA DO ESPORTE

Nos últimos anos, o interesse crescente na aplicação formal da Psicologia ao treinamento levou a um corpo de conhecimentos e a uma área de estudos denominada Psicologia do Esporte. A Sociedade Internacional da Psicologia dos Esportes foi constituída no Primeiro Congresso Internacional da Psicologia dos Esportes, realizado em Roma, Itália, em 1965. Depois a Sociedade Norte-Americana para a Psicologia do Esporte e Atividades Físicas (*The North American Society for the Psychology of Sport and Physical Activity*) foi iniciada em 1967, sob a direção e inspiração de A. T. Slater-Hammel da Universidade de Indiana, Warren R. Johnson da Universidade de Maryland e Bryant J. Cratty da UCLA. Psicólogos e educadores físicos de todo o mundo estão examinando crítica e entusiasticamente aspectos psicológicos do esporte, aplicando

pesquisas de áreas correlatas a situações esportivas e tentando colocar em ordem o escasso material factual. A Psicologia do Esporte pode ser entendida como a matéria científica examina as causas e efeitos dos fenômenos e das ocorrências psíquicas que se desenrolam no homem antes, durante e depois de atividades desportivas. (SINGER, 1977; THOMAS, 1983).

2.4. MOTIVAÇÃO

Numa larga acepção, o termo motivação denota os fatores e processos que levam as pessoas a uma ação ou à inércia em diversas situações. Franzoni (2006) afirma que este termo é compreendido como a “ação de por em movimento”, conferindo a intenção de movimento para ir de um local a outro. Para Samulski (2009), a motivação consiste num processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, apresentando dependência na interação dos fatores pessoais e ambientais.

Vários especialistas separam a chamada motivação em duas subdivisões principais. Na primeira estão os estudos das razões pelas quais se escolhe uma atividade e não outra. Nesta categoria, classificam-se os escritos sobre influência de motivos, valores e necessidades de vários tipos. Na segunda estão os dados referentes às razões pelas quais se realizam ações com diferentes graus de intensidade, procurando explicá-los. Este segundo tópico diz respeito à preparação, ativação e outras formas de estimulação com as quais o indivíduo se apronta para agir (CRATTY, 1984).

Thomas (1983) acredita que, quando o indivíduo opta por realizar uma determinada atividade, anteriormente à realização existiu uma motivação. Para o mesmo autor, é necessário que exista uma motivação para a atividade desportiva e a execução de determinado movimento. Esta motivação impulsora, por sua vez, depende de determinados motivos, objetivos, valores, etc.

Basicamente, podem se classificar em três as chamadas visões teóricas sobre a motivação: a centrada no traço, a centrada no estado e a interacional. A visão centrada no traço defende que o comportamento é motivado em função das características individuais, a personalidade, as necessidades e objetivos do indivíduo. A visão centrada na situação afirma que o nível de motivação depende da situação, ou seja, do momento, do contexto, desconsiderando as características individuais. A visão interacional, com

maior aceitação na atualidade, defende que a motivação não procede exclusivamente do traço ou da situação, mas na união dos dois fatores (BARROSO, 2007; WEINBERG; GOULD, 2008; SAMULSKI, 2009).

Quanto às fontes de motivação, podem ser classificadas como: intrínsecas e extrínsecas (WEINBERG; GOULD, 2008; SAMULSKI, 2009). As motivações intrínsecas estão relacionadas à satisfação pessoal, podendo-se dividir entre superação pessoal e prazer pela tarefa. Sujeitos que a apresentam elevada motivação intrínseca como motivo de prática, tendem a permanecer por um maior tempo na atividade, sendo mais produtivos e persistentes. A motivação extrínseca está ligada aos fatores externos como recompensas (elogios, prêmios, remuneração, notas e viagens) e punições (castigos, críticas, descontos salariais e trabalhos extras). Pessoas que praticam atividades físicas motivadas por variáveis externas, como estética, reconhecimento social, indicação dos pais, tendem a menor eficiência na realização e abandono da prática (BARROSO, 2007; WEINBERG; GOULD, 2008; MATIAS, 2010, SAMULSKI, 2009).

Os tipos de motivação apresentados por um indivíduo irão depender do reforço que este recebeu, positivo ou negativo. Ou seja, o indivíduo que, ao realizar uma tarefa com êxito é recompensado, tende a repetir o comportamento buscando consequências positivas. Entretanto, se for punido, procura motivar-se a evitar o comportamento. Desta forma, entende-se o reforço positivo a ação que aumenta a probabilidade de a resposta ser reproduzida no futuro (WEINBERG; GOULD, 2008).

2.4.1 A Motivação nas Atividades Físicas

A motivação é um conteúdo muito estudado dentro da psicologia esportiva (CARDOSO; GAYA, 1998). Pesquisas realizadas acerca das publicações brasileira, espanhola e de língua inglesa na Psicologia do Esporte e Exercício, constataram que o tema motivação é o mais estudado superando temas como ansiedade, humor e estresse (GOMES et al., 2007 apud MATIAS, 2010).

A motivação para a prática desportiva, de acordo com o modelo interacional, depende da relação tanto de fatores pessoais quanto de fatores ambientais. Desta forma, alguns aspectos devem ser considerados pelos profissionais de Educação Física em sua

atuação: tanto as situações como os traços motivam as pessoas; as pessoas possuem diferentes motivos para participar de atividades; modificações no ambiente aumentam a motivação; os líderes influenciam a motivação. Ao analisar os fatores motivacionais da visão realista, percebe-se que alguns são mais influenciáveis que outros, dependendo das capacidades individuais, tempo e recursos (BARROSO, 2007; WEINBERG; GOULD, 2008; SAMULSKI, 2009).

São muitas as teorias da motivação aplicadas ao esporte e as atividades físicas, entretanto a Teoria da Autodeterminação e a Teoria das Metas de Realização são as mais relevantes da atualidade no que diz respeito à temática em questão. (DUDA; CUMMING; BALAGUER, 2005 apud SANTOS, 2007).

2.4.1.1 Teoria Da Autodeterminação

Deci e Ryan (1985) e seus colaboradores desenvolveram a Teoria da Autodeterminação. Os autores afirmam que as pessoas necessitam se sentirem competentes e autodeterminadas para estarem intrinsecamente motivadas. Contrapõem as idéias de outras teorias segundo as quais todo comportamento seria função da satisfação de necessidades fisiológicas. Propõem o conceito de “necessidades psicológicas básicas”, apontadas como determinantes do comportamento intrinsecamente motivado.

Na Teoria da Autodeterminação as motivações dos indivíduos diferem e são determinadas e orientadas por contextos que dão subsídios a necessidades psicológicas; postulam a autonomia, competência e conectividade dos seres que podem variar em relação ao nível e tipo de motivação. Nesse contexto surge o porquê de querer fazer algo por prazer e a intensidade de realizar uma tarefa no sentido de estar intrinsecamente motivado e também por consequência ou devido a outras variáveis envolvidas, na situação de estar extrinsecamente motivado (SOBRAL, 2003).

A teoria busca entender os componentes da motivação intrínseca e da motivação extrínseca e os fatores que resultam com sua promoção. Nessa perspectiva, é essencial a satisfação das necessidades psicológicas. Esta teoria adota como necessidades básicas de realização a autonomia, a competência e o vínculo. É fundamental para a auto-

realização que essas necessidades sejam satisfeitas. (GUIMARÃES e BORUCHOVITCH, 2004).

2.4.1.2 Teoria Das Metas De Realização

Esta teoria surgiu no final da década de 1970 e tem contribuído para o entendimento dos fatores motivacionais que influenciam comportamentos. O conceito de meta refere-se aos por quês do envolvimento de alguém em determinada tarefa, ou seja, suas metas são seus motivos de realização (BUENO et al., 2007).

Para Ames (1992) o termo "metas de realização" é um conjunto de pensamentos, crenças, propósitos e emoções que traduzem as expectativas ao realizar determinadas tarefas, o que significa que as metas são representadas por modos diferentes de enfrentar atividades e desafios. Na Teoria de Metas de Realização, os psicólogos têm estudado a conquista de objetivos para compreender o processo de motivação para o rendimento e as diferenças de desempenho, bem como o significado de sucesso e fracasso para cada um (WEINBERG; GOULD, 2001; SAMULSKI, 2002; BUENO et al., 2007).

2.5. MOTIVOS

O estudo dos motivos implica no exame das razões pelas quais se escolhe fazer algo ou executar algumas tarefas com maior empenho do que outras ou, ainda, persistir numa atividade por longo período de tempo. Vários fatores motivam o ser humano em seu dia a dia, tanto de forma interna como externa. A força de cada motivo e seus padrões influenciam e são influenciados pela maneira de perceber o mundo que cada indivíduo possui (PAIN, 2003).

É importante diferenciar os motivos de impulso, incentivos e instintos. Para alguns autores os motivos podem ser igualados à motivação. Pode-se também afirmar que os motivos são estabelecidos de acordo com as experiências de vida. Já os impulsos, são aqueles motivos que visam satisfazer as necessidades fisiológicas e são substituídos por fatores mais complexos, característicos da maturidade, assumindo a forma de interesses, sentimentos, valores, traços, ambições, atitudes, gostos, e

inclinações. Se os impulsos são considerados “naturais da espécie” os incentivos por sua vez são aprendidos (ALLPORT, 1974, DAVIDOFF, 1983 apud BARROSO, 2007).

Os motivos podem ser definidos como o estímulo que conduz a pessoa à ação por um período de tempo, e o estudo destes tem por objetivo pesquisar as razões que levam alguém a fazer algo ou dedicar-se de forma mais intensa / persistente a determinada atividade (CRATY, 1984; TRAMONTIN, 1997; FRANZONI, 2006).

Referente à classificação dos motivos, pode-se resumidamente relacioná-los em três categorias básicas. São elas: motivos de sobrevivência – que compreendem as necessidades fisiológicas e podem ainda ser subdivididos em: cíclicos (fome, sede, sono etc), episódicos (dor, cansaço, medo etc) e ainda em necessidades de recepção e interpretação de informação; motivos sociais – subdivididos em reprodutivos, afiliação e prestígio; e por último os motivos relacionados à competência – englobando a necessidade de realização e informação (PISANI et al., 1990; WINTERSTEIN, 2002 apud BARROSO, 2007).

O psicólogo humanista Abraham Maslow, em seus estudos sobre motivação, elaborou uma pirâmide onde organiza de forma hierarquizada as necessidades básicas dos seres humanos, que segundo o mesmo autor já nascem com os indivíduos. De acordo com este modelo, entende-se que somente quando um motivo é satisfeito passa-se a ter preocupação com o próximo motivo. Dentro deste sistema os motivos são apresentados na seguinte ordem: fisiológicos (fome, sono, sede e sexo), de segurança (estabilidade, ordem e confiança), sociais (amor, afiliação e identificação), de auto-estima (auto-respeito, aprovação e êxito) e de auto-realização (capacidades, potencial e talento individual) (FRANZONI, 2006; BARROSO, 2007).

2.5.1 Os Motivos nas Atividades Físicas

Os estudos dos fatores motivacionais nas atividades físicas relacionados à adesão, permanência e abandono de atividades, é de extrema importância para entidades e pessoas envolvidas nessas atividades, por isso estes fatores são os mais estudados pela Psicologia do Esporte (CARDOSO; GAYA, 1998).

Os primeiros estudos sobre motivos de participação foram realizados por Skubic em 1956, Alderman e Wood em 1976, Sapp e Haubenstricker em 1978. Nesses três estudos, os principais motivos encontrados foram: diversão, possibilidade de fazer novas amizades e aprendizagem de novas técnicas. Entretanto, além destes, outros motivos importantes foram encontrados por psicólogos do esporte, entre eles: afiliação, condicionamento físico, competitividade, estética, liberação de energia, melhorar saúde e qualidade de vida, reduzir estresse, superação de desafios e status (SINGER, 1977; CARDOSO; GAYA, 1998; BARROSO, 2007).

Para entender por que as pessoas iniciam e permanecem em determinada atividade física, Prochaska, DiClemente e Norcross (1992) desenvolveram um modelo transteórico, cíclico, que explicaria os estágios pelos quais os indivíduos passam com relação à prática de esportes e exercícios. No primeiro estágio, o de pré-contemplação, o sedentário não pretende começar tão cedo nenhuma atividade física. No segundo estágio, caracterizado como contemplativo, a pessoa pensa seriamente em se exercitar de alguma forma, mas não passa disso. No terceiro estágio, o de preparação, ocorre a prática irregular, mas insuficiente para obtenção de benefícios importantes. No quarto estágio, o de ação, o indivíduo se envolve regularmente, mas pode voltar ao sedentarismo com facilidade. No último estágio, o de manutenção, a prática regular ocorre há mais de seis meses e existe a tendência a permanecer. É importante lembrar que esse modelo é cíclico, e muitas podem ser as razões, como lesões, por exemplo, que podem fazer com que a pessoa retorne ao primeiro estágio (WEINBERG; GOULD, 2008; BARROSO, 2007).

As pessoas apresentam diversos motivos para permanecer praticando determinada atividade. Da mesma forma homens e mulheres praticam esporte por motivos diferentes. Enquanto o sexo masculino se envolve basicamente motivado pela competição e reconhecimento social, o feminino apresenta um maior número de motivos: saúde, bem-estar, estética e condicionamento, domínio de técnicas, prazer nas atividades, contato social, identificação com o professor ou treinador. Resumidamente, pode-se dizer que os homens são orientados para a competição, e as mulheres, para a tarefa (BARROSO, 2007; WEINBERG; GOULD, 2008). Além do sexo, fatores pessoais e ambientais podem interferir na manutenção da atividade. Os fatores pessoais englobam as variáveis demográficas (sexo, idade, renda, escolaridade, etnia, entre outros), variáveis cognitivas e de personalidade e ainda experiência anterior na

atividade. Entre os fatores ambientais encontra-se o ambiente social (família e amigos), o ambiente físico (proximidade, estrutura do local de prática e segurança) e as características da atividade física: intensidade, duração, volume, frequência. (BARROSO, 2007).

Para se motivar alguém, é necessário saber, dentre todos os fatores, quais são os mais importantes conforme sua personalidade, necessidades e momento, lembrando que, além de uma única pessoa apresentar vários motivos para fazer algo, muitas vezes eles são conflitantes, gerando insegurança e indecisão. Ao se trabalhar com um grupo, é essencial saber que seus membros apresentarão tanto motivos individuais quanto compartilhados, o que afeta diretamente a coesão da equipe e o tipo de liderança necessária para coordenar esforços (SINGER, 1977; CARDOSO; GAYA, 1998; BARROSO; 2007).

2.6. ESTUDOS SOBRE MOTIVAÇÃO NAS ATIVIDADES FÍSICAS

Como já referido anteriormente, a motivação para a prática de atividades físicas em geral, é um dos fenômenos mais estudados dentro da Psicologia do Esporte. Sendo assim, podemos destacar na literatura alguns estudos realizados com diferentes abordagens, mas com a motivação como tema central do estudo.

Balbim e Vieira (2011) realizaram uma pesquisa descritivo-diagnóstica que tinha como objetivo analisar o nível motivacional de praticantes de atividades de aventura de ambiente terrestre e aéreo da região noroeste do estado do Paraná. A pesquisa contou com 49 participantes sendo que 29 eram praticantes de ambiente terrestre, sendo 15 de escalada e 14 de skate *downhill*; e 20 de ambiente aéreo sendo 16 de pára-quedismo e 4 de balonismo. A amostra foi composta por 6 praticantes do gênero feminino e 43 do gênero masculino. A média de idade foi de 31 anos ($\pm 8,75$). Como instrumento foi utilizada a Escala de Motivação para o Esporte (SMS – *Sport Motivation Scale*) (BRIÈRE et. al, 1995) validada para a língua portuguesa por Serpa, Alves e Barreiros (2004). Os resultados apontaram que os praticantes apresentaram um nível motivacional essencialmente intrínseco, com as maiores medianas da motivação intrínseca para atingir objetivos (5,50), para experiências estimulantes (6,25) e para conhecer (6,00) e apresentaram diferença significativa quando comparadas com os três tipos de motivação extrínseca – regulação externa, introjeção e identificação. Os autores chegaram à

conclusão de que a prática de atividades de aventura é caracterizada pela busca do prazer e sensações estimulantes, sentimentos estes inerentes ao comprometimento do praticante consigo mesmo. Demonstrando que a superação de limites e o desejo de experimentar o novo com sensações fortes parece ser uma característica motivacional destes praticantes.

Em estudo relacionando esportes individuais e esportes coletivos, Faria (2004) teve como objetivo fazer uma análise comparativa do nível de motivação intrínseca de atletas de 16 a 18 anos, praticantes de diferentes esportes, tendo como variáveis independentes o sexo, o nível de experiência e o tipo de esporte - individual ou coletivo. O estudo contou com 448 participantes, sendo que 306 eram praticantes de modalidade coletiva e 142 de modalidade individual. Destes, 222 pertenciam ao sexo masculino e 226 ao sexo feminino. As modalidades avaliadas foram futsal (n=92), voleibol (n=148), handebol (n=66), caratê (n=24), judô (n=28), atletismo (n=53) e natação (n=37). Os autores ainda dividiram os participantes quanto ao nível de experiência, sendo considerados pouco experientes aqueles que possuísem menos de 2 anos de prática; experiência média de 3 a 6 anos de prática e muito experiente aqueles que possuísem mais de 6 anos de prática. O instrumento utilizado foi o "Inventário de Motivação Intrínseca para Situações Competitivas" de McAuley, Duncan, Tammen (1989). Os resultados demonstraram diferenças significativas nos níveis de motivação intrínseca em relação às variáveis sexo e nível de experiência a um nível de probabilidade de $p < 0.05$. Em relação às variáveis esportes individuais e coletivos, o resultado não apresentou diferença significativa. Isto demonstrou que independentemente da modalidade desportiva em que o atleta esteja envolvido, seja individual ou coletiva, a motivação intrínseca foi um fator psicológico que não influenciou esta variável. Com o estudo, pôde-se concluir que os atletas com níveis médios de experiência mostraram-se mais intrinsecamente motivados que os mais e os menos experientes, isso também ocorreu com os atletas do sexo masculino que se apresentaram mais intrinsecamente motivados que os do sexo feminino.

Lima e Moraes (2009) realizaram um estudo com o objetivo verificar e analisar os fatores motivacionais que levam indivíduos de 45 a 87 anos a praticar o vôlei de praia. A amostra do estudo foi constituída por 61 praticantes de vôlei de praia sendo 55 do sexo masculino correspondendo a 90,16% da amostra e 6 do sexo feminino equivalente a 9,84%, com idades entre 45 e 87 anos, freqüentadores das praias do

Flamengo e de Copacabana. O tempo médio de prática dos participantes no vôlei de praia foi de 35,96 anos. O instrumento utilizado na pesquisa foi a Escala sobre Motivos para Prática Esportiva (EMPE), versão traduzida e validada para o Brasil por Barroso (2007) do *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ) de Gill, Gross e Huddleston (1983). Os fatores motivacionais que apresentaram significância em todos os itens foram: Condicionamento Físico, Afiliação e Saúde, os quais obtiveram de forma predominante a classificação “totalmente importante” e Energia, com maioria das respostas para os graus de importância “totalmente importante” e “muito importante”. Nos demais fatores, foram destacados alguns itens devido à importância dada pelos participantes e a significância dos resultados, como: em Status as questões “Eu gosto de vencer”, “Eu gosto de ganhar prêmios”, “Eu gosto de competir” e “Eu quero me destacar socialmente”; em Contexto “Meus pais e/ou amigos querem que jogue”, “Eu gosto de sair de casa” e “Eu gosto de usar instalações e equipamentos esportivos”; e em Técnica “Eu quero melhorar minha técnica”, “Eu quero superar meus limites” e “Eu gosto de desafios”

Buscando identificar os motivos que determinam a prática da natação em adultos, Silva et al. (2009) desenvolvem um estudo observacional de caráter transversal utilizando como instrumento de pesquisa a EMPE. Além da escala, foi aplicado também um questionário demográfico incluindo informações sobre: sexo; grupo etário, ≤ 28 anos e > 28 anos (mediana da idade da amostra); Estado civil (com cônjuge/companheiro e sem cônjuge/companheiro); Escolaridade, ensino básico (analfabeto, primário completo, ginásial completo e colegial completo) e ensino superior (superior completo/pós-graduação) e Nível Sócio-econômico. A amostra (acidental) foi composta por 155 indivíduos adultos (20 a 60 anos), de ambos os sexos, matriculados em um projeto de extensão desenvolvido junto ao Centro de Desportos, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Os resultados encontrados indicam que o fator Saúde, seguido pelo Condicionamento Físico e Técnica são os principais motivos para a prática da modalidade. Já o Status é menos importante. Ao associar o sexo com o fator Saúde percebeu-se que esta variável é mais importante para as mulheres, e a associação entre sexo e fator Status, embora não significativa, revela que esse motivo é mais forte nos homens. O estado civil associado ao fator Técnica demonstra maior importância para os indivíduos solteiros. Os autores puderam concluir que os participantes do projeto de natação para adultos da UFSC, que fizeram parte

desta pesquisa, são, em sua maioria, do sexo masculino, com idade superior a 28 anos, solteiros, com alta escolaridade e pertencentes às classes econômicas média e alta. A saúde e o condicionamento físico são os principais motivos que determinaram a prática de natação. Os solteiros têm maior preocupação com os motivos relacionados à técnica, enquanto as mulheres apresentam maior preocupação com a saúde.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo caracteriza-se como modelo descritivo de natureza transversal. Para Gil (2002), o modelo de pesquisa descritiva utiliza técnicas padronizadas de coleta de dados, como questionários e observação sistemática. Segundo Thomas e Nelson (2007), o estudo de natureza transversal geralmente necessita menos tempo para a realização e resume-se a uma única sessão de avaliação, com vários grupos etários em um mesmo período de tempo.

3.2. PARTICIPANTES

Participaram da presente pesquisa 20 praticantes de parapente. Sendo 19 homens e apenas uma mulher. Estes, eram associados ao Lagoa Clube de Vôo Livre assim como a autora. Todos residem no estado de Santa Catarina, sendo que a grande maioria na região da Grande Florianópolis e os demais em cidades vizinhas. Nenhum dos indivíduos investigados compete na modalidade. A média de idade foi de $33,65 \pm 7,29$ anos. Os participantes foram selecionados conforme os seguintes aspectos: ser praticante da modalidade há pelo menos um ano e ter como local de prática a localidade da Grande Florianópolis.

3.3. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para caracterizar a amostra, foi aplicado um formulário com questões demográficas (sexo, idade, estado civil, entre outros) e um questionário com perguntas referentes ao vôo livre (tempo de prática, como iniciou a prática, onde costuma voar, entre outros)(Anexo B). Para a determinação dos motivos que levam à prática de atividades físicas de aventura na natureza, foi aplicada a Escala de Motivos para Prática Esportiva (EMPE), desenvolvida em 1983 como *Participation Motivation Questionnaire* nos Estados Unidos por Gill et al. e adaptada e validada para uso no Brasil por Barroso (2007) (Anexo D).

A EMPE visa determinar os motivos de prática esportiva de quem a preencher, sendo que esses motivos, apresentados em 33 itens em escala variando de 0 a 10, são

agrupados posteriormente em sete fatores motivacionais: *status, condicionamento físico, liberação de energia, contexto, aperfeiçoamento técnico, afiliação e saúde*. Para determinar o *score* de cada fator motivacional, calcula-se a média, somando os valores assinalados nas questões a ele pertencentes e dividindo pelo número de questões (BARROSO, 2007). Portanto, se um fator abriga quatro itens, basta somar os valores assinalados em cada um deles e dividir por quatro.

3.4. PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada no dia 16 de abril de 2011 na sede do Lagoa Clube de Vôo Livre, mediante prévia autorização do presidente da entidade. Os formulários foram entregues aos indivíduos juntamente com o termo de consentimento livre e esclarecido, foram então dadas as devidas orientações para o preenchimento e assim os mesmos foram recolhidos imediatamente após a conclusão.

Os pilotos foram convidados a responder os instrumentos do estudo conforme fossem pousando na sede do clube onde a coleta foi realizada. Estes foram abordados pela autora, que primeiramente perguntava se haveria interesse em participar do estudo, e caso houvesse, cada um dos pilotos recebia as devidas orientações para o preenchimento dos instrumentos e lhes era entregue primeiramente o TCLE (Anexo A), em seguida o questionário social e por último a EMPE.

A devolução dos instrumentos se deu imediatamente após o término do preenchimento dos mesmos, uma vez que o tempo médio de preenchimento de todas as questões foi de 10 minutos.

3.5. ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados ocorreu através da estatística descritiva, com cálculo de média, desvio padrão e frequência, e inferencial (teste de ajuste de Shapiro-Wilk para verificar a normalidade dos dados e U de Mann-Whitney para comparar os resultados obtidos entre as diferentes faixas etárias e entre os diferentes níveis socioeconômicos), mediante aplicação dos programas Excel for Windows 2007 e SPSS for Windows 15.0 em computador de uso pessoal.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Participaram do estudo 20 sujeitos com média de idade de $33,65 \pm 7,29$ anos, variando entre as idades de 22 e 48 anos. Destes, 19 eram do sexo masculino, e apenas uma do sexo feminino. As características dos indivíduos seguem na tabela 1.

Tabela 1 – Informações sociodemográficas dos participantes

Estado Civil	Frequên cia	Escolaridade	Frequên cia	Nível Socioeconômico	Frequên cia
Solteiro	11	Pós Graduação	8	Mais de 10 S.M.	9
Casado	8	Sup. Completo	3	5 a 10 S.m.	7
Divorciado	1	Sup. Incompleto	4	Até 5 S.M.	4
		Médio Completo	4		
		Fund. Completo	1		

Quanto ao estado civil, constatou-se que eram 8 casados, 11 solteiros e 1 divorciado. Em relação à escolaridade, os resultados mostraram que a maioria dos indivíduos possui nível de escolaridade relativamente elevado, sendo que 8 concluíram pós-graduação, 3 nível superior completo, 4 nível superior incompleto, 4 nível médio completo e apenas 1 concluiu somente o ensino fundamental. Da mesma forma, o nível socioeconômico mostrou-se relativamente elevado, sendo que 9 dos participantes possuíam renda superior a 10 salários mínimos, 7 recebiam entre 5 e 10 salários, e apenas 4 possuíam renda de até cinco salários mínimos.

Foram compreendidas neste estudo duas faixas etárias, sendo a primeira classificada como Adulto Jovem, que vai dos 20 aos 40 anos de idade e precede a segunda classificação, que é a Meia Idade ou Maturidade, que vai dos 40 aos 60 anos de idade. Segundo Rosa (1983), é na fase de adulto jovem que acontecem mudanças significativas na vida do ser humano, sendo caracterizada como a idade reprodutiva e criativa. É ainda nesta fase do processo evolutivo onde acontece a estabilização dos padrões de comportamento, inclusive a financeira. O fator financeiro é um dos aspectos que podem também determinar a prática da modalidade em questão, uma vez que o vôlei livre requer um alto investimento por parte dos praticantes. Por outro lado, a meia idade é caracterizada por dois comportamentos distintos, sendo o primeiro daqueles que procuram fazer de tudo para se conservarem jovens; já no segundo caso, estão os indivíduos que acham que devem se acomodar e procurar levar um estilo de vida mais tranquilo. Tipicamente, indivíduos de classe média procuram fazer de tudo para se

manter mais jovens, enquanto indivíduos de classe baixa preferem aderir ao estilo de vida mais tranquilo (ROSA, 1983).

Tabela 2 – Questões relacionadas ao parapente

<u>Por que iniciou</u>	<u>Nº</u>	<u>Tempo de prática</u>	<u>Nº</u>	<u>Frequência de prática</u>	<u>Nº</u>	<u>Locais de prática</u>	<u>Nº</u>
Amigos	13	1 ano	6	Até 2x semana	14	Praia Mole	3
Vontade	7	2 a 5 anos	6	2-4 x semana	5	Lagoa da Conceição	5
Outros	0	Mais 5 anos	8	Mais de 4x semana	1	Santo Amaro	20

Nas questões relacionadas ao vôo livre, de acordo com a tabela 2, os resultados mostraram que o tempo de prática foi relativamente alto, entretanto a frequência mais encontrada foi a de 2 vezes por semana, o que pode nos levar a crer que a grande maioria dos indivíduos pratica a modalidade em finais de semana. Ainda pôde-se observar o que levou os indivíduos a iniciarem a prática do vôo, que além da própria vontade foi a influência de amigos. Estes resultados corroboram os resultados relatados por Peres e Lovisolo (2006), os quais indicam que em muitos casos a iniciação esportiva em algumas modalidades tem a influência de amigos. O tempo médio de prática dos indivíduos foi de 4,7 anos, sendo que todos a praticam durante o ano inteiro e predominantemente nos finais de semana.

Tabela 3 – Médias pessoais e gerais de cada fator obtido na EMPE.

<u>Sujeitos</u>	<u>Status</u>	<u>Cond. Físico</u>	<u>Liberação Energia</u>	<u>Contexto</u>	<u>Aperfeiçoamento Técnico</u>	<u>Afiliação</u>	<u>Saúde</u>	<u>Média Geral</u>
1	10,0	5,3	9,3	9,2	10,0	9,2	10,0	9,0
2	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0
3	1,2	3,0	0,0	2,0	0,0	5,8	0,0	1,7
4	9,5	7,6	9,6	8,2	10	8,2	9,6	9,0
5	9,0	6,3	8,6	8,4	9,7	10,0	10,0	8,9
6	3,8	4,6	4,3	5,6	9,0	4,2	6,3	5,4
7	1,4	6,0	6,5	3,4	6,2	7,2	6,0	5,2
8	2,2	5,0	9,6	5,6	10	9,6	10,0	7,4
9	2,5	4,3	5,8	2,4	9,0	4,2	5,0	4,7
10	1,8	4,3	6,8	7,8	9,7	5,4	6,0	6,0
11	0,0	1,0	6,1	3,6	3,7	5,0	5,0	3,5
12	5,4	7,6	8,1	7,0	10,0	9,2	9,3	8,1
13	6,8	8,3	8,3	6,2	7,2	8,8	9,0	7,8
14	8,0	8,3	9,6	6,8	9,5	7,0	8,6	8,3
15	2,0	5,3	7,1	5,8	8,0	3,6	7,3	5,6
16	5,5	7,0	6,3	4,8	5,7	8,8	8,6	6,7
17	10,0	10,0	10,0	8,8	9,5	10,0	10,0	9,8
18	8,2	10,0	10,0	6,8	9,2	9,2	10,0	9,1
19	4,5	9,3	9,6	9,2	7,7	6,2	6,6	7,6
20	10,0	5,3	9,3	9,2	10,0	9,2	10,0	9,0
<u>Média</u>	5,9	6,4	7,7	6,5	8,2	7,5	7,8	7,1
<u>Fator</u>								

Em relação à EMPE, de acordo com a tabela 3, percebe-se que o aperfeiçoamento técnico foi o fator que obteve a maior pontuação (média 8,2) e o status fator menos valorizado (média 5,9). Entretanto, de modo geral pôde-se perceber que a ordem dos fatores que mais motivaram os praticantes de parapente foi a seguinte: aperfeiçoamento técnico (8,2), saúde (7,8), liberação de energia (7,7), afiliação (7,5), contexto (6,5), condicionamento físico (6,4) e status (5,9), de modo que as quatro

primeiras dimensões classificam-se como “muito importantes” e as três últimas como “importantes” para os indivíduos deste estudo.

Em estudo com 120 jovens com idades entre 13 e 16 anos praticantes da modalidade Basquetebol na cidade do Porto, Resende (2006), utilizando o Questionário de Motivação Para as Atividades Desportivas (QMAD) encontrou resultados parecidos com o presente estudo, sendo que o aperfeiçoamento técnico e o status, foram o primeiro e último motivos respectivamente, indicados pelos praticantes de Basquetebol. Desta forma, mesmo com todas as diferenças como, o tipo da modalidade (individual e coletiva), faixa etária e país, os resultados foram semelhantes, indicando que ambas pesquisas lidaram com participantes mais motivados intrinsecamente, visando o desenvolvimento pessoal e com cada atleta estabelecendo comparações com seus próprios resultados anteriores, e não com desempenhos de terceiros, característica típica das comparações objetivas de quem busca status.

Da mesma forma, resultados semelhantes foram encontrados por Barroso et al. (2007) também aplicando o QMAD em estudo reunindo praticantes de esportes coletivos no estado de Santa Catarina, sendo que o aperfeiçoamento técnico foi o fator mais importante e o status o segundo fator menos importante, caracterizando um possível indício de que esta seja talvez uma tendência regional dos desportistas do estado de Santa Catarina. Pode-se perceber que em ambos os estudos, mesmo se tratando de modalidades esportivas e sujeitos com características diferentes dos participantes da presente pesquisa, os resultados foram semelhantes. Também é importante observar que a categoria saúde não existe no QMAD.

Por outro lado, em estudo realizado por Silva et al. (2009) reunindo 155 praticantes da modalidade natação na Universidade Federal de Santa Catarina com idade média de $31,7 \pm 11,9$ anos e utilizando a EMPE como instrumento de pesquisa, os resultados apresentados foram diferentes dos encontrados neste estudo, sendo os motivos associados à prática da natação apresentados na seguinte ordem: saúde, condicionamento físico, liberação de energia, aperfeiçoamento técnico, contexto e status. Isto mostra que mesmo em se tratando de modalidade individual, como o vôlei livre, a ordem dos motivos relacionados à prática foram diferentes. Estas diferenças provavelmente se deram em função da especificidade da modalidade (meio em que é praticada, uso de implementos) bem como em função das diferentes faixas etárias dos

indivíduos investigados. É importante levar em consideração também o fato de que os 155 indivíduos do estudo de Silva et al.(2009) pertenciam a um projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Catarina voltado para a comunidade, visando paralelamente ao ensino e aperfeiçoamento da modalidade, a melhora e manutenção da saúde, algo que tradicionalmente também envolve a melhora e manutenção do condicionamento físico. Não havendo qualquer componente competitivo nas aulas desse projeto, é natural que o status também não seja um grande motivador desses participantes. Em compensação, os alunos de natação atribuíram importância semelhante a dos praticantes de parapente no que se refere à liberação de energia, em ambos os estudos classificada como “muito importante”. Isso aponta para uma tendência do homem moderno buscar diferentes formas de se desestressar das atividades típicas da sociedade pós-industrial, como referem Betrán e Betrán (1995), principalmente quando se trata de grandes centros como Florianópolis.

Procurando investigar os motivos de prática de atletas do sexo feminino da modalidade futsal, Rosolen (2006) aplicou o Participation Motivation Questionnaire (PMQ) e encontrou resultados diferentes dos obtidos neste estudo, uma vez que, para as atletas de futsal, os motivos mais importantes foram a afiliação e a diversão. As diferenças percebidas provavelmente ocorram em função do sexo, das especificidades das modalidades (aéreo x terrestre; individual x coletivo; o parapente conta com muitos implementos ao contrário do futsal), pelo fato de as atletas de futsal praticarem a modalidade de forma competitiva e ainda o fato de o futsal ser coletivo torna a afiliação um fator muito importante para o grupo.

No presente estudo, o aperfeiçoamento técnico foi o fator mais importante apontado pelos participantes. Provavelmente isto se deu em função de o parapente, assim como muitas modalidades de aventura, ter o risco como uma de suas principais características, tornando o desempenho técnico uma questão de sobrevivência. Da mesma forma, a questão da saúde e liberação de energia podem estar atreladas às características específicas da modalidade, sendo que segundo muitos autores (BRUHNS, 1997; TAHARA, SCHWARTZ, 2003; ZIMMERMANN, 2006) o homem tem buscado a natureza na tentativa de fugir do estresse das grandes cidades, além de ir ao encontro de um estilo de vida mais saudável e tranquilo. Ao contrário dos fatores citados anteriormente, o status foi o fator menos valorizado. A hipótese que se tem em relação a este fator é que a prática do vôo livre está mais relacionada com a motivação intrínseca,

como mostra o estudo de Balbim e Vieira (2011), que apontaram que praticantes de modalidades de aventura, tanto no ambiente terrestre como no ambiente aéreo, tendem a ser essencialmente motivados de forma intrínseca. Deste modo, sendo o status relacionado a motivações extrínsecas como prêmios e comparações, este teve pouca influencia sobre os praticantes.

O fator condicionamento físico normalmente é bem valorizado em estudos relacionados a motivos para a prática de atividades físicas em geral (DESCHAMPS, FLHO, 2005; ROSOLEM, 2006; BARROSO et. al, 2007). Entretanto, pode-se perceber que para os praticantes de vôo livre este motivo não foi tão importante quando comparado aos outros. Provavelmente, isto se deu em função de que o condicionamento físico não é algo tão importante para a prática desta modalidade, já que os pilotos utilizam-se predominantemente das energias da natureza para permanecer no ar, requerendo muito pouco de sua própria energia.

Para responder ao segundo objetivo específico do estudo, a faixa etária foi dividida em dois grupos utilizando o critério de Rosa (1983), encontrando-se duas categorias: a de adultos jovens e meia-idade, sendo a primeira faixa etária a que compreendia as idades de 20 a 40 anos (n=14) e a segunda de 40 a 60 anos (n=06). Da mesma forma, mas desta vez para responder ao terceiro objetivo específico do estudo, o fator socioeconômico foi dividido em dois grupos: indivíduos que tinham uma renda de até 10 salários mínimos (n= 11) e indivíduos com renda superior a 10 salários mínimos (n= 9).

Realizado o teste de ajuste de Shapiro-Wilk, verificou-se que a distribuição de dados é não-normal para todos os fatores, com exceção de Condicionamento Físico e do Contexto, indicando que, para cumprir os objetivos do presente estudo, foi necessário aplicar testes não-paramétricos.

Tabela 4 – Comparação entre faixas etárias Adulto Jovem e Meia Idade.

	Status	Cond, Físico	Lib. Energia	Contexto	Técnica	Afiliação	Saúde
Resultado	-0,911	-0,745	-0,705	-0,496	-1,129	-1,867	-1,941
Significância	0,362	0,456	0,481	0,620	0,259	0,062	0,052

(*) $p \leq 0,05$.

A tabela 4 mostra os resultados obtidos pelo teste comparativo U de Mann-Whitney entre as diferentes faixas etárias. Contudo, nota-se que não houve diferença estatisticamente significativa em nenhum dos fatores quando se comparam Adultos Jovens e pilotos de Meia Idade. Provavelmente ao considerar que não se tratam de faixas etárias com características muito diferentes, estas não apresentaram diferenças quanto aos motivos de prática. Além disso, os indivíduos mais velhos se encontram ainda no início da Meia Idade e talvez por isso ainda não tenham ocorrido mudanças necessárias para que se observassem mudanças nos motivos para a prática.

Tabela 5 – Comparação entre níveis socioeconômicos: até 10 S.M. e mais que 10 S.M.

	Status	Cond. Físico	Lib. Energia	Contexto	Técnica	Afiliação	Saúde
Resultado	-0,19	-0,47	-0,55	-0,35	-0,80	-0,91	-1,29
Significância	0,84	0,63	0,57	0,72	0,93	0,35	0,19

(*) $p = \leq 0,05$

A tabela 5 mostra os resultados obtidos pelo teste comparativo U de Mann-Whitney para os diferentes níveis socioeconômicos. Nesta comparação também não se encontraram diferenças significativas entre as duas categorias (até 10 salários mínimos e mais que 10 salários mínimos), provavelmente devido ao fato de o grupo ser homogêneo. Além disso, o parapente é considerado uma modalidade relativamente cara, o que pode impedir que pessoas com menor poder aquisitivo a pratiquem.

Um dado importante de se salientar no estudo é que para a única mulher contemplada no mesmo a sequência de motivos não apresentou diferença em relação à já apresentada anteriormente para os demais pilotos, sendo o fator aperfeiçoamento técnico o mais importante e o status o menos importante. Entretanto, o fato de ser apenas uma não nos permite muitas inferências, uma vez que a atleta pode não ser representativa das mulheres no parapente logo, isso impede a extrapolação de resultados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, os motivos relacionados pela EMPE foram bem valorizados pelos praticantes de parapente, sendo que a menor média encontrada no estudo dos fatores foi a de 5,9 no status. Entretanto, para este valor, de acordo com o protocolo do instrumento, o fator é classificado como importante. O motivo que mais influenciou os indivíduos do estudo para a prática foi o aperfeiçoamento técnico, muito provavelmente em função de a atividade possuir um risco inerente e, desta forma, a técnica se torna uma questão de sobrevivência. Com os resultados obtidos, pode-se concluir que os praticantes de parapente demonstraram prevalência nos níveis de motivação intrínseca, o que é comum entre praticantes de atividades de aventura que visam muito mais o prazer e satisfação, sem intenções de receber recompensas externas.

A apresentação de grande quantidade de estudos divergentes no que se refere à sequência de fatores motivacionais muito provavelmente pode se atribuir às diferenças culturais, entre sexos e etárias repetidas vezes relacionadas na literatura de Psicologia do Esporte. Além disso, existe a questão da especificidade da modalidade investigada, que é um esporte individual, que utiliza uma grande quantidade de implementos, é considerado um esporte de aventura e de todos os estudos mencionados neste trabalho, este é o único que investigou um esporte aéreo, uma grande característica diferencial para as demais modalidades.

O fato de haver apenas uma mulher na amostra constituiu uma limitação do estudo, porém, isso reflete a pequena participação do sexo feminino na modalidade, desta forma tornam-se importantes estudos que verifiquem se isso também ocorre em outras amostras de praticantes de parapente, entre esportistas de aventura em específico e praticantes de modalidades esportivas em geral.

Para estudos futuros, recomenda-se ampliação do público pesquisado para possibilitar novas pesquisas, bem como a aplicação da EMPE junto a diferentes grupos etários e atletas de nível competitivo. Além disso, seriam interessantes estudos com a mesma categoria de praticantes em outras regiões do estado e até mesmo em outros estados.

REFERÊNCIAS

ABVL – **Associação Brasileira de Vôo Livre**. Disponível em: http://www.abvl.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4&Itemid=4
Acesso em: 10 mai. 2011

AMBROSINI, Silvio. **Voando de Parapente: Nas Entrelinhas do Esporte**. 1ª São Paulo: Ibrasa, 2007. 208 p.

AMES, Carole. Classrooms: goals, structures, and student motivation. **Journal of Education Psychology**, v.84, n.3, p.261-271, 1992.

ARAGAKI, Sérgio. S.; ALVES, Marina. P; SPINK, Mary J. Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: contrastando esportes radicais com turismo de aventura. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 18, n. 1, p. 26-38, 2005.

BALBIM, Guilherme M.; VIEIRA, Lenamar F. Motivação em Praticantes de Atividade de Aventura. **Revista Digital**, n. 152, 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd152/motivacao-em-praticantes-de-atividades-de-aventura.htm>. Acessado em: 25 de maio de 2011.

BARROS, Henrique Lins de. **Santos Dumont e a Invenção do Voo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 192 p.

BARROS, Henrique Lins de. **Desafio de voar: brasileiros e a conquista do ar, 1709-1914**. São Paulo: Metalivros, 2006.

BARROSO, Mario L. C. Validação do *participation motivation questionnaire* adaptado para determinar motivos de prática esportiva de adultos jovens brasileiros. 2007. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde e do Esporte, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

BATISTA, Lauro N. **Breve História da Aviação**. Artigo. Disponível em: http://aviationexperten.sites.uol.com.br/av_003.htm. Acesso em: 21 maio 2011.

BETRÁN, Albert Olivera; BETRÁN, Javier Olivera. Propuesta de una clasificación taxonómica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza.: Marco conceptual y análisis de los criterios elegidos.. **Apunts: Educacyon Física y Deportes**, Barcelona, n. 41, p.108-123, 1995.

BRUHNS, Heloísa.T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 18(2), p. 86-91, 1997.

BUENO, José M.H. et al. Investigaçã das propriedades psicométricas de uma escala demetas de realizaçã. **Estudos de Psicologia**, v.24, n.1, p.79-97, 2007.

COSTA, Vera L. de M., **Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário**. São Paulo, SP: Manole, 2000.

CRATTY, Bryant. **Psicologia no Esporte**. 2ª ed Rio de Janeiro: Prentice-hall do Brasil, 1984.

CROUCH, Tom D.. **Asas: Uma História da Aviação, das Pipas à era Espacial**. 1ª Rio de Janeiro: Record, 2003. 784 p.

DECI, Edward. L. e RYAN, Richard. M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. New York: Plenum, 1985.

DESCHAMPS, S.R.; DOMINGUES FILHO, L.A. **Motivos e benefícios psicológicos que levam os indivíduos dos sexos masculino e feminino a praticarem o ciclismo indoor**. *R. bras. Ci e Mov.* 2005; 13(2): 27-32.

FARIA, Terezinha G. **Análise comparativa do Nível de Motivação Intrínseca de Atletas de Ambos os Sexos, Participantes de Esportes Individuais e Coletivos, Com Diferentes Níveis de Experiência**. 2004. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

FEIXA, C. (1995). **La aventura imaginaria. Una visión antropológica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza**. *Apunts:* Educación Física y Deportes, 41, 36-43.

FRANZONI, Tiago B. **Fatores motivacionais associados à prática esportiva de atletas de voleibol.** 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Filosofia e História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GAYA, Adroaldo; CARDOSO, Marcelo. **Os fatores motivacionais para a prática desportiva e suas relações com o sexo, idade e níveis de desempenho desportivo.** Revista Perfil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, v.2, n.2, p.40-51, 1998.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, Sueli E.R.; BORUCHOVITCH, Evely. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da Teoria da Autodeterminação. **Psicologia, Reflexão e Crítica.** vol.17 no. 2 Porto Alegre 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-79722004000200002. Acesso em: 08 Abr. 2011.

LACRUZ, I. C.; PERICH, M. J. **Las emociones en la práctica de las actividades físicas en la natureza.** *Lecturas: EFDeportes.* Revista Digital, Buenos Aires, Ano 5, n.23, Julho, 2000. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>.

LIMA, Julysis S.; MORAES, Josué M. Fatores motivacionais para a prática do vôlei de praia em praticantes de 45 a 87 anos. **Revista Digital.** n.138, 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd138/fatores-motivacionais-para-pratica-do-volei-de-praia.htm>>. Acessado em 18 de novembro, 2010.

MALAVASI, Letícia M.; BOTH, Jorge. Motivação: uma breve revisão de conceitos e aplicações. **Efdeportes,** Buenos Aires, 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd89/motivac.htm>>. Acesso em: 19 maio 2011

MATIAS, Thiago S. **Motivação para a prática de atividade física relacionada aos estados de humor e de depressão na adolescência.** 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) - Centro de Ciência da Saúde e do Esporte, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

MEIER, Fritz. **Voo Livre Para Você.** 1ª Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 155 p.

MIRANDA, Juli3n, LACASA, Enrique. & MURO, Ignacio. Actividades f3sicas en la naturaleza: un objeto a investigar - dimensiones cient3ficas. *Apunts: Educaci3n F3sica y Deportes*, Barcelona, v.41, p. 53-70, 1995.

NEVES, Haroldo C. **Hist3ria do Voo Livre**. Dispon3vel em: <<http://www.tandemflight.com/historiadovoo.html>>. Acesso em: 22 maio 2011.

PAIM, Maria C.C. **Voleibol, que fatores motivacionais levam 3 sua pr3tica?** *Lecturas en EF y Deportes*, v.9, n.61, 2003.

PEREIRA, Dimitri W.; ARMBRUST, Igor; RICARDO, Denis P. **Esportes Radicais de Aventura e A3o, conceitos, classifica3es e caracter3sticas**. *Corpoconsci3ncia*. Santo Andr3 – SP, FEFISA, v. 12, n. 1, 2008, p. 37 – 55.

PERES, Lila; LOVISOLO, Hugo. **Forma3o Esportiva: Teoria E Vis3es Do Atleta De Elite No Brasil**. *R. da Educa3o F3sica*, Maring3, v. 17, n. 2, p.211-218, 2006.

PISANI et al. **Psicologia geral**. 11^a ed. Porto Alegre: Vozes, 1990.

PROCHASKA, J.O.; DICLEMENTE, C.C.; NORCROSS, J.C. **In search of how people change**. *American Psychologist*, v.47, n.9, p.1102-1114, 1992.

RESENDE, Miguel. **Motiva3o, Objectivos de Realiza3o e Cren3as Quanto 3 Causas de Sucesso para a pr3tica de Basquetebol**. 52 f. Monografia (Gradua3o) - Curso de Licenciatura em Desporto e Educa3o F3sica, Fadeup, Porto, 2006.

ROSA, Merval. **Psicologia da Idade Adulta**. Petr3polis: Vozes, 1983. 143 p.

ROSOLEN, Marta. **Futsal Feminino: A motiva3o para o esporte em atletas universit3rias de futsal feminino**. *Futsal Brasil*, Porto Alegre, 2006.

SAMULSKI, Dietmar M. **Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas**. S3o Paulo: Manole, 2009.

SANTOS, Cláudia M.G. **Motivação e Esporte:** Um Programa de Intervenção das Metas de Realização em Jovens Atletas. 2007. 158 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/teses/motivacao_e_esporte.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2011.

SILVA, Gabriel P.; COQUEIRO, Raildo S.; BARBOSA, Aline R. **Motivos que determinam a prática da natação em adultos.** *Revista Digital*. n.137, 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd137/pratica-da-natacao-em-adultos.htm>>. Acessado em: 20 de setembro, 2010.

SILVA, R.L.; MARINHO, A.; SCHWARTZ, G.M. **A aventura de ser mulher nas atividades físicas de aventura na natureza.** *Lecturas: EFDeportes. Revista Digital*, Buenos Aires, Ano 5, nº 84, maio, 2005. Disponível em <http://www.efdeportes.com>

SINGER, Robert N.. **Psicologia dos Esportes:** Mitos e Verdades. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977.

SOBRAL, Dejanó T. **Motivação do aprendiz de Medicina: uso da escala de motivação acadêmica.** *Psicologia teoria e Pesquisa*. v.19 n.1 Brasília Jan/Abr.2003

SPINK, Mary. J. **Suor, arranhões e diamantes: as contradições dos riscos na modernidade reflexiva.** *Esterisco: estudo sobre tecnobiociências e risco na sociedade contemporânea*. 2003. Disponível em: <<http://www.ensp.fiocruz.br/projetos/esterisco/suor1.htm>>. Acesso em: 10 mai. 2011.

TAHARA, Alexander K.; SCHWARTZ, Gisele M.. **Atividades de Aventura na Natureza: Investindo na Qualidade de Vida.** *Efdeportes*, Buenos Aires, v. 58, n. 8, mar. 2003. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd58/avent.htm>>. Acesso em: 23 maio 2011.

TAMAYO, Alvaro; CAMPOS, Ana Paula M. de; MATOS, Daniela R. de; MENDES, Graciano R.; SANTOS, Juliana B. dos; CARVALHO, Nális T. **A influência da atividade física regular no auto-conceito.** *Estudos de Psicologia*, 2001,6, p.157-165

THOMAS, Alexander. **Esporte:** Introdução à Psicologia. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMAN, Stephen J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2007.

TRAMONTIN, S. W. **A motivação e o que leva os adolescentes a frequentarem academias de natação**. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

WEINBERG, R.S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 2º Ed. Porto Alegre: Artmed. 2001

WEINBERG, Robert S.; GOULD, Daniel. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**, 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ZIMMERMANN, Ana C. Atividades de aventura e qualidade de vida. Um estudo sobre a aventura, o esporte e o ambiente na Ilha de Santa Catarina. **EF Deportes**, Buenos Aires, n. 93, 2006.

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da pesquisa: Motivos de determinam a prática doParapente

Pesquisadores responsáveis: Mariana Godinho Machado
Prof. Dr. John Peter Nasser

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Desportos / Departamento de Educação Física.

Prezado (a) Senhor (a):

- Você está sendo convidado (a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente **voluntária**.
- Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento.
- Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decidir a participar.
- Você tem o direito de **desistir** de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

Objetivo do estudo: Verificar os principais motivos relacionados à prática de atividades físicas de aventura na natureza na Grande Florianópolis

Procedimentos. Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas no preenchimento deste questionário, respondendo às perguntas formuladas.

Benefícios. Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos. O preenchimento deste questionário não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Sigilo. As informações fornecidas por você serão confidenciais e de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Contato: (48) 9167-7548

E-mail: mari_aninha6@hotmail.com

Assinatura: _____.

Local e Data: _____.

ANEXO B – QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO / PARAPENTE

Questionário Demográfico

Nome:.....

E-mail:.....

Telefone (s) para contato:.....

Data de nascimento ____/____/____ Idade:.....

Sexo:.....Estado civil:

Nível de escolaridade

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Pós graduado

Profissão:.....

Faixa salarial

- 0 - 1 salários
- 1 - 5 salários
- 5 - 10 salários
- 10 - 15 salários
- 15 - 20 salários
- Mais de 20 salários

Endereço Residencial:

.....
.....

Questões referentes ao parapente

1. Como começou a praticar vôo livre? (pessoas, parentes, amigos, locais).

.....
.....

2. Tempo de prática:.....

3. Qual a modalidade (Parapente / Asa Delta)?

.....

4. É federado / associado a alguma entidade relacionada à modalidade?.....

5. Com que frequência pratica a modalidade?

.....

6. Em quais épocas do ano pratica a modalidade?

.....
.....
.....

7. Em qual região da Grande Florianópolis costuma praticar?

.....
.....

8. O que você leva em consideração quando escolhe um determinado local para voar?

.....
.....
.....
.....
.....

9. É instrutor?

10. Se sim qual a formação que possui na área? Onde foi realizada?

.....
.....

11. Pratica outra (s) atividade (s)? Qual (is)? Com que frequência?

.....
.....
.....

ANEXO C – PROTOCOLO DE UTILIZAÇÃO DA EMPE

ESCALA DE MOTIVOS PARA PRÁTICA ESPORTIVA (EMPE)

“Participation Motivation Questionnaire (PMQ)”

D. GILL; J. GROSS & S. HUDDLESTON

Validada no Brasil por Mario Luiz C. Barroso & Ruy Jornada Krebs (2007)

(CEFID/UDESC - Laboratório de Desenvolvimento e Aprendizagem Motora)

PROTOCOLO DE UTILIZAÇÃO

Caro profissional: o instrumento que você tem em mãos foi desenvolvido nos EUA por Diane L. Gill, John B. Gross e Sharon Huddlestone em 1983 sob o título de *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ), e vem sendo usado por pesquisadores, técnicos e gestores esportivos no mundo inteiro, inclusive no Brasil, onde a versão adaptada em Portugal por Sidónio Serpa e Jorge Frias (QMAD, 1992) encontrou bastante espaço. Considerando as diferenças culturais e de faixa etária com relação a esses dois instrumentos, desenvolveu-se a presente versão para adultos jovens brasileiros.

FORMA DE APLICAÇÃO

- Peça ao respondente que assinale o quanto cada um dos 33 itens do instrumento é importante numa escala de 0 a 10;
- Oriente-o a preencher todos os itens sem exceção;
- Quando aplicar em grupo, peça para os participantes evitarem conversar ou observar as marcações do colega para que não haja influência de resultados;

- Ao recolher, verifique se o respondente não esqueceu de assinalar algum item ou marcou duas vezes a mesma questão;
- Procure recolher também os seguintes dados: sexo, idade, modalidade praticada e tempo de prática na modalidade;
- O tempo médio de preenchimento é de 5 minutos.

CALCULANDO RESULTADOS

A EMPE visa determinar os motivos de prática esportiva de quem a preencher, sendo que esses motivos, apresentados em 33 itens, são agrupados posteriormente nos **7 fatores motivacionais** discriminados a seguir. Para determinar a importância de cada fator motivacional para o respondente, calcule sua média, somando os valores assinalados nas questões a ele pertencentes e dividindo pelo número de questões. Portanto, se um fator abriga 4 itens, basta somar os valores assinalados em cada um deles e dividir por 4. As médias obtidas podem ser classificadas das seguintes formas: **fator motivacional nada importante** (valores entre 0,0 e 0,99); **pouco importante** (entre 1,0 e 3,99); **importante** (entre 4 e 6,99); **muito importante** (entre 7 e 9,99) e **totalmente importante** (10).

Fatores/Categorias Motivacionais

Fator 1 (**status**): 3, 13, 15, 21, 23, 27 e 30.

Fator 2 (**condicionamento físico**): 6, 16 e 26

Fator 3 (**energia**): 4, 7, 14, 17, 18 e 31

Fator 4 (**contexto**): 5, 9, 20, 29 e 33

Fator 5 (**técnica**): 1, 10, 25 e 28

Fator 6 (**afiliação**): 2, 8, 12, 19 e 24

Fator 7 (**saúde**): 11, 22 e 32

CONFIABILIDADE DO INSTRUMENTO

A EMPE foi validada para o Brasil com autorização da autora Diane L. Gill. Para sua tranquilidade, abaixo segue a tabela comparativa de consistência interna do instrumento, superior ao PMQ original em quase todas as categorias.

Tabela 1 – Índices de consistência interna da EMPE e do PMQ original.

EMPE			PMQ		
Categorias	Nº. de Itens	Consistência*	Categorias	Nº. de Itens	Consistência*
Status	7	0,88	Status	6	0,76
-	-	-	Ativ. Grupo	3	0,78
Cond. Físico	3	0,78	Cond. Físico	3	0,79
Energia	6	0,76	Energia	5	0,69
Contexto	5	0,74	Contexto	3	0,49
Técnica	4	0,78	Técnica	3	0,44
Afiliação	5	0,86	Afiliação	4	0,30
-	-	-	Diversão	3	0,55
Saúde	3	0,86	-	-	-

(*) Alfa de Cronbach.

Se você tiver alguma dúvida quanto à Escala de Motivos para Prática Esportiva, consulte Barroso (2007) para ter acesso a todo o processo de validação ou entre em contato direto com o autor: mario@m17.com.br.

BARROSO, Mario Luiz C. **Validação do *Participation Motivation Questionnaire* Adaptado para Determinar Motivos de Prática Esportiva de Adultos Jovens Brasileiros**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis/SC

ANEXO D– ESCALA DE MOTIVOS PARA PRÁTICA ESPORTIVA (EMPE)

ESCALA SOBRE MOTIVOS PARA PRÁTICA ESPORTIVA (EMPE)

“Participation Motivation Questionnaire (PMQ)”

D. GILL; J. GROSS & S. HUDDLESTON

Validada no Brasil por Mario Luiz C. Barroso & Ruy Jornada Krebs (2007)
(CEFID/UDESC - Laboratório de Desenvolvimento e Aprendizagem Motora)

Abaixo temos alguns motivos que fazem com que as pessoas pratiquem esportes. Leia cada item com atenção e, por favor, marque com um “X” o quanto cada um deles é importante para **voçê** praticar sua modalidade **HOJE**.

	Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Totalmente importante
1. Eu quero melhorar minha técnica	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
2. Eu quero estar com meus amigos	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
3. Eu gosto de vencer	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
4. Eu preciso liberar energia	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
5. Eu gosto de viajar	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
6. Eu quero ficar em forma	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
7. Eu gosto de sentir emoções fortes	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
8. Eu gosto de trabalhar em equipe	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
9. Meus pais e/ou amigos querem que eu jogue	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
10. Eu quero aprender novas técnicas	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
11. Eu quero manter a saúde	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
12. Eu gosto de fazer novas amizades	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
13. Eu prefiro fazer algo em que sou bom	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
14. Eu preciso liberar tensão	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
15. Eu gosto de ganhar prêmios	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
16. Eu gosto de fazer exercícios	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
17. Eu gosto de ter algo para fazer	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
18. Eu gosto de estar fisicamente ativo	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
19. Eu gosto do espírito de equipe	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
20. Eu gosto de sair de casa	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
21. Eu gosto de competir	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
22. Eu quero adquirir hábitos saudáveis	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
23. Eu gosto de me sentir importante	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
24. Eu gosto de fazer parte de uma equipe	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
25. Eu quero superar meus limites	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
26. Eu quero estar em forma	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
27. Eu quero me destacar socialmente	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
28. Eu gosto de desafios	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
29. Eu gosto dos técnicos e/ou professores	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
30. Eu quero ganhar status ou ser reconhecido	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
31. Eu gosto de me divertir	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
32. Eu quero melhorar ainda mais minha saúde	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
33. Eu gosto de usar instalações e equipamentos esportivos	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10